

**As línguas estrangeiras no
ensino superior:
propostas didáticas
e casos em estudo**

Maria Ellison
Marta Pazos Anido
Pilar Nicolás Martínez
Sónia Valente Rodrigues
ORGS.

Porto, FLUP, 2018

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: As línguas estrangeiras no ensino superior: propostas didáticas e casos em estudo

ORGANIZAÇÃO: Maria Ellison, Marta Pazos Anido, Pilar Nicolás Martínez e Sónia Valente Rodrigues

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e APROLÍNGUAS - Associação Portuguesa de Professores de Línguas Estrangeiras do Ensino Superior

ANO DE EDIÇÃO: Impresso em fevereiro de 2018

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 100 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 437121/18

ISBN: 978-989-54030-7-3

ISSN: 1646-1525

Este trabalho é financiado pela APROLÍNGUAS - Associação Portuguesa de Professores de Línguas Estrangeiras do Ensino Superior.

A APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA BASEADA EM PROJETOS: OS PROVÉRBIOS COMO BASE DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

ABSTRACT

Proverbs constitute a type of text with great pedagogical-didactic potential, mainly with regards to the teaching of a foreign language. Not only do they facilitate the study of textual and communicative aspects such as the syntactic and semantic, but also lexical elements. Furthermore, proverbs transmit and express cultural content. There is often a very close connection, with regards to meaning and the contexts of use, between proverbs used in different languages, even when there we cannot account for the existence of strong historical ties among their speakers. Consequently, they are often used in the organization of didactic sequences oriented towards lexical development.

This article presents a didactic experience of teaching of Portuguese as a Foreign Language through a method of learning based on projects that use the proverb as a structuring element. Combining the multiple pedagogical-didactic potential of the proverb and the methodology of project-based learning allowed for the simultaneous construction of knowledge and the creation of significant cultural objects linked to the students' social environment.

Keywords: Portuguese as a Foreign Language, project based learning, didactic sequence, proverbs

RESUMO

O provérbio constitui um género de texto com grande potencial pedagógico-didático no ensino de língua estrangeira. Permite não só trabalhar aspetos textuais e comunicativos como elementos sintáticos, semânticos e

lexicais. Além disso, traduz conteúdos culturais do povo em cuja língua se expressam. Por fim, mantém com os provérbios de outras línguas e de outros povos uma ligação relativamente ao sentido que carregam e aos contextos de uso, mesmo quando entre esses povos não existe uma relação histórica forte. Por estes motivos, é frequentemente utilizado na organização de sequências didáticas orientadas para desenvolvimento lexical.

Este artigo divulga uma experiência didática de ensino de Português Língua Estrangeira pelo método da aprendizagem baseada em projetos tendo o provérbio como elemento estruturador. Aliando as múltiplas potencialidades pedagógico-didáticas do provérbio e da metodologia da aprendizagem baseada em projetos, a construção dos saberes foi realizada em simultâneo com a criação de objetos culturais significativos ligados ao meio social em que se encontravam inseridos os estudantes.

Palavras-chave: Português Língua Estrangeira, aprendizagem baseada em projetos, sequência didática, provérbios

1 – INTRODUÇÃO

No ensino de Língua Estrangeira (LE), o provérbio surge frequentemente utilizado como objeto de estudo. A título exemplificativo, é possível mencionar a existência de onze relatórios de Mestrado em ensino de línguas¹, realizados na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos anos letivos 2009-2016, que contêm o provérbio como elemento central dos respetivos projetos pedagógico-didáticos. Em face disso, é legítimo perguntar: existe justificação consistente para essa presença constante?

1.1 – Os fundamentos para o ensino-aprendizagem dos provérbios em LE

Um dos fundamentos para o seu ensino diz respeito ao facto de os provérbios continuarem a ser usados em várias situações comunicativas – jornais, literatura, publicidade e até justiça –, embora não se usem muito na linguagem coloquial atual, de acordo com Teixeira (2016). São usados nos discursos que cruzamos diariamente, seja para argumentarmos seja para com eles criarmos situações de humor e, por essa via, seduzirmos, porque carregam consigo elementos da cultura alvo. Há, por isso, razões de ordem sociocultural e pragmática que sustentam o trabalho de desenvolvimento de conhecimento explícito do texto proverbial.

Outro dos fundamentos para o seu ensino reside em razões de natureza cognitiva e cultural, porque implicam que se faça inferências, quer na forma literal quer, sobretudo, na forma *détournée*. A “desautomatização”,

¹ Num total de 458 relatórios de diferentes Mestrados na área do ensino de línguas.

designação de Zuluaga (1980), retomada por Luiz Gurillo (1997, p. 21), devido aos mecanismos linguísticos e cognitivos que implica, merece ser tida em conta no ensino do Português Língua Não Materna, apesar de implicar conhecimentos que não são previstos nos níveis iniciais. Segundo a autora,

Se trata de un efecto estilístico, [...], que produce que la realidad se perciba con una mayor fuerza y duración. Aplicado a una unidad fraseológica (UF) supone la manipulación de su forma y/o de su contenido, con la intención de producir determinados efectos. (Luiz Gurillo, 1997, p. 21).

Além de competência lexical e cultural, implica o uso de inferências necessárias à compreensão dos jogos em causa.

Veja-se, por exemplo, o caso da publicidade à cerveja Super-Bock, onde o provérbio “Junta-se a fome à vontade de comer” é adaptado ao produto publicitado (a cerveja) e ao género e espaço em causa: publicidade nas toalhas de mesa de um restaurante. O provérbio significa que há, por vezes, dois interesses que têm a mesma finalidade. Substituindo “comer” por “beber” o provérbio faz ainda mais sentido: a comida e a bebida vão bem juntas. E, num restaurante, propor esta bebida parece ter toda a pertinência.



Há ainda um outro fundamento, de ordem sociocultural. Como escreve Teixeira (2016, p. 240), “o aconchego que o provérbio traz é o de nos fazer sentir habitando uma casa comum, uma casa que nos dá uma sensação envolvente e materna: a língua que partilhamos.” Este autor chama a atenção para o facto de o uso de provérbios ou a sua evocação em trocadilhos e jogos de vários tipos ter a vantagem de “acionar uma sensação comunitária de pertença social” (Teixeira, 2016, p. 236). Pertença social mas também linguística e cultural², por isso fará sentido um trabalho integrado com

² O fundamento do valor cultural e social é tão relevante nos provérbios como nas expressões fraseológicas, que podem dar origem a aprendizagens significativas. A propósito de expressões fraseológicas e desconstrução de estereótipos, veja-se Belén 2014.

estudantes de PLE, que assim se possam vir a sentir como fazendo parte da casa que é a língua:

Conhecer e dominar os provérbios (e as expressões fixas) significa dominar a língua como nativo, em grau bastante elevado. Faz-nos sentir membro do grupo e nele integrados, compreendendo bem os seus códigos linguísticos e comportamentais, constituindo isto um sentimento fundamental para o nosso bem-estar individual e social. (Teixeira, 2016, p. 240)

1.2 – Nível de ensino adequado ao estudo dos provérbios

Segundo defende Jirón Erwenne (2008), entre muitos outros autores, o ensino das unidades fraseológicas (designação aqui tomada como um hiperónimo de que os provérbios seriam um dos hipónimos, a par de expressões idiomáticas, colocações e outras unidades léxicas compostas) não deveria ser deixado para níveis intermédios e avançados. De forma faseada, os alunos poderiam aprender algumas dessas unidades já desde os níveis iniciais de aprendizagem da LE. Embora, como refere Penadés Martínez (1999, p. 24), algumas dessas UF sejam típicas de registos coloquiais, “resulta innegable, por una parte, que en todos se usan y, por otra, que el alumno extranjero tiene que aprenderlas desde el primer momento en el que entra en contacto con la lengua [...].” Ora o que dizem estes autores para as Unidades Fraseológicas em geral aplica-se perfeitamente ao ensino do provérbio em particular.

Acresce dizer que o género de texto é um universal linguístico, pois não existe povo ou língua que não tenha provérbios. Como refere Monroe (1996),

The genre of traditional literature also provides a natural framework for the continuing study of diverse world views. It lends itself to the study of global stories while emphasizing the contemporary phenomena of translating oral tradition into print. (...) In using such a variety of traditional literature, I am able to integrate the cultural and linguistic contributions of diverse experience while providing examples of tall tales, fables, proverbs, (...) and stories of creation, transformation and warning. (p. 44).

Numa turma de estudantes de diferentes nacionalidades, línguas e culturas, todos conhecem provérbios que aprenderam desde a infância. Todos possuem conhecimentos de literatura tradicional e todos estiveram permeáveis ao conteúdo de provérbios durante o seu crescimento e aprendizagem. Não é difícil estabelecer ligações de sentido entre os provérbios da língua em aquisição e os provérbios da sua língua e cultura, e entre os respetivos contextos de uso, mesmo quando entre esses povos não existe uma relação histórica forte. Não esqueçamos que muitos provérbios são idênticos em diferentes línguas. Se elencássemos uma parte deles, verificaríamos que alguns são parecidos na forma e no sentido, outros, embora afastando-se na forma, exprimem uma mesma ideia, como bem evidencia Penadés Martínez, ao referir que “existen unidades

fraseológicas transculturales o supranacionales que, en lenguas distintas, muestran maneras semejantes de expresar las mismas ideas o las mismas relaciones.” (Penadés Martínez, 1999, p. 37). Constituem, por isso, um espaço de interseção de língua e cultura.

Tendo em conta que os provérbios são objeto de trabalho no ensino de línguas, importa verificar que práticas pedagógico-didáticas lhe estão associadas e que aspetos poderão ser otimizados. No ponto seguinte, daremos conta de algumas das práticas mais comuns na abordagem aos provérbios em aula de língua segunda/estrangeira.

2 – PRÁTICAS COMUNS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DOS PROVÉRBIOS EM LE

O ensino explícito das parémias, próprio da aula de LE, tem geralmente resultados positivos, alargando a competência lexical dos alunos, o que lhes permitirá comunicar melhor e, sobretudo, compreender de forma mais eficaz os vários jogos de linguagem a que, na literatura, na publicidade, nos títulos de jornal, os provérbios dão origem. Numa tese de doutoramento recente, sobre *O registo coloquial nas aulas de Espanhol* (Martins, 2016, p. 314), a autora verifica que é escasso o conhecimento dos alunos de Português língua materna (LM) sobre provérbios. Surpreendentemente, porém, esses mesmos alunos conhecem mais enunciados fraseológicos em Espanhol, que aprendem como LE, do que na LM, o português. A razão pela qual isso acontece poderá residir no *input* dado em LE para o conhecimento explícito dos provérbios, aspeto menos comum na língua materna. O facto de o significado dos provérbios não se depreender, geralmente, da soma do significado de cada uma das partes que o compõem torna a aprendizagem destas UF difícil em LE.

No entanto, várias críticas são apontadas ao modo como se organizam as sequências didáticas construídas para ensino-aprendizagem dos provérbios em LE. O ensino da fraseologia limita-se, geralmente, à enumeração descontextualizada de provérbios e outras unidades fraseológicas, cujo sentido se trata de conhecer. Ora o aprendente de LE deveria ser capaz de distinguir o significado literal da expressão e o seu sentido metafórico. Na opinião de Detry (2010, p. 36-37), exercícios de escolha múltipla ou preenchimento de espaços não implicam cognitivamente os alunos e seria preferível trabalhar a dimensão icónica das UF, interligando sempre o significado literal com o metafórico. Além disso, a autora também preconiza o relacionamento do provérbio na língua alvo com os da LM dos aprendentes.

Qual é, então, a melhor forma de estudar os provérbios em LE?

3 – PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DE ENSINO ORGANIZADA COMO PROJETO

Tendo em conta o provérbio enquanto género textual universal, defendemos a sua utilização na aula de LE como elemento agregador de uma sequência de aprendizagem organizada como projeto, com enfoque n dimensão pragmática e comunicativa.

3.1 – Um projeto baseado em provérbios

No processo de estruturação do projeto, a definição da estratégia de ensino-aprendizagem teve como base dois pressupostos: em primeiro lugar, a consideração da abordagem do provérbio de um ponto de vista pragmático, o que implica explorar o uso que dele é feito nos diferentes discursos, tendo em conta que o locutor o emprega com diferentes objetivos comunicativos; em segundo lugar, o facto de a sequência de ensino-aprendizagem se dirigir a estudantes estrangeiros a estudar a língua portuguesa em Portugal.

Partiu-se da exploração de ideias para o projeto e passou-se, depois, para a sua planificação.

3.1.1 – Planificação: ideia-base para o projeto

A atividade que permitiu gerar a ideia-base para o projeto multicultural centrado no estudo dos provérbios foi desenvolvida com estudantes de Didática do Português II³.

Após o visionamento do vídeo relacionado com a notícia «Cristina anda a fazer um inventário dos doces de Portugal», das jornalistas Andreia Sanches e Vera Moutinho, publicada no jornal *Público on line*, a 29-05-2016⁴, foram sugeridas as tarefas a seguir indicadas.

- a) Pensem em temas de cultura portuguesa para um projeto a desenvolver com estudantes estrangeiros registando todas as associações da expressão ‘cultura portuguesa’ que fizerem.
- b) Refiram possibilidades de trabalho didático com base no vídeo apresentado (*brainstorming* coletivo).

Das hipóteses sugeridas pelos estudantes destacam-se: (i) fazer um inventário de provérbios ou de adivinhas ou (ii) fazer uma compilação de idiomatismos, frases feitas, colocações, comparações emblemáticas e estruturas afins, organizados e “comentados” (uma espécie de um “dicionário” de idiomatismos).

³ No ano letivo 2015-2016, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁴ <http://www.publico.pt/multimedia/video/cristina-um-milhao-20160527-121705>

A discussão das potencialidades pedagógico-didáticas de material autêntico, que circula em práticas sociais de comunicação, em Didática, incentiva atividades heurísticas de análise e de ponderação de hipóteses elaboradas pelos estudantes para desencadear determinadas atividades pedagógico-didáticas, além de permitir a descoberta de soluções para determinados problemas discutindo critérios de seleção e de utilização de material com potencial didático. Neste caso, o vídeo acima referido pode ser estudado com diversas finalidades: enquanto documento oral, para estudo de aspetos como vagueza, marcadores discursivos, modalização epistémica, fenómenos de atenuação e reforço, etc., e como ponto de partida para levantamento de elementos culturais, gastronomia e respetiva exploração multicultural; para leitura e produção escrita e oral de receitas, de biografias e autobiografias.

A partir destas experiências e considerações, foi planificada a intervenção⁵ didática a seguir descrita.

3.1.2 – Planificação: objetivos (competências e indicadores de desempenho)

A turma de estudantes inscritos para a frequência da unidade curricular Técnicas de Comunicação e de Expressão II, no 1.º semestre do ano letivo 2016/2017, era constituída por doze estudantes das seguintes nacionalidades: francesa, portuguesa, alemã, búlgara, checa, chinesa, eslovaca e peruana. Esta turma apresentava um elevado nível de heterogeneidade quanto ao domínio da língua portuguesa, uma vez que incluía não só estudantes estrangeiras com vários níveis de Português (A1.2, B1 e C1) como estudantes falantes nativas do português.

Apesar da diversidade linguística e dos vários níveis de domínio do Português das estudantes, as competências a adquirir estavam estabelecidas previamente. No final do semestre, os estudantes deveriam ser capazes de:

- desenvolver a competência comunicativa nas mais variadas situações de uso orais e escritas;
- compreender e interpretar textos orais e escritos de vários tipos;
- relacionar a função representativa da língua com a sua função comunicativa e enunciativa;
- conhecer procedimentos para uma reflexão explícita sobre a língua portuguesa.

De modo a criar um ambiente de colaboração e de coesão no grupo das estudantes, definiu-se como estratégia o trabalho de projeto mediante a resolução de problemas como meio para o desenvolvimento de competências.

⁵ Levada a cabo por Sónia Valente Rodrigues.

O trabalho a realizar seguiria a metodologia de trabalho colaborativo com base nos princípios de aprendizagem baseada em projetos (*project based learning*), em diferentes contextos (sala de aula, biblioteca, casa).

A primeira atividade construída com base na “resolução de problemas” implicou a compreensão de textos de imprensa (anúncios, *cartoons*, crónicas) construídos com base em provérbios modificados. Para que a atividade fosse bem sucedida era necessário o conhecimento dos provérbios citados, do seu significado e das interpretações-padrão que lhes estão convencionalmente associadas, tendo em conta o percurso delineado em J. Teixeira (2016): o primeiro passo da abordagem do provérbio em aula, a partir de um ponto de vista pragmático, consistirá em

- identificar ou reconhecer o provérbio;
- perceber o que significa e o modo como se adequa ao contexto;
- interpretar as metáforas (nos casos em que os provérbios envolvem metáforas) tentando compreender como é que elas funcionam;
- compreender o funcionamento da modificação no contexto de uso (nos casos em que os provérbios citados se apresentem modificados).

O texto que esteve na base desta atividade foi um *cartoon* de Luís Afonso, construído com enunciados que contêm provérbios modificados, a partir do qual se apresentou o seguinte problema:

No *cartoon* de Miguel, “Mudam-se os tempos, mudam-se os objectivos programáticos”, cada fala das personagens é construída a partir de um provérbio português, que surge modificado. Consegue descobrir os provérbios?

A resolução integrava duas etapas. Na primeira etapa, foi sugerido aos estudantes que tentassem verbalizar a compreensão das falas da personagem parafraseando a frase que a constituía, de acordo com a instrução 1.

1. Escreva à frente de cada vinheta o sentido das frases pronunciadas pelas personagens do *cartoon*.

PARA GRANDES
ADVERSIDADES,
GRANDES EXPEDIENTES



Figura 1

NÃO AGendes PARA AMANHÃ
O QUE PODES DEFERIR HOJE...
O QUE CONTA É O INTUITO E
O INTUITO DA NATO É BOM...

Figura 2

Bem, MAS...
DE BONS INTUITOS E
BONS PROJECTOS ESTA
O INFERNO CHEIO...

Figura 3

Excerto da ficha de trabalho construída a partir do *cartoon* de Luís Afonso “Mudam-se os tempos”

A segunda etapa pressupunha o registo da interpretação-padrão dos provérbios originais associada às falas da personagem. Esta atividade foi desencadeada pela seguinte instrução:

Cada frase do *cartoon* é uma construção a partir de uma forma fixa de um ditado popular. Preencha os espaços em branco em cada caixa de modo a completar o provérbio correspondente.

Para a resolução da atividade, as estudantes contavam com a consulta de dicionários de provérbios portugueses, que pesquisariam previamente, uma vez que a aula decorreu na biblioteca. O resultado do trabalho realizado seria registado no espaço próprio da folha de aula.

a) Para grandes adversidades, grandes expedientes.

Para grandes _____, grandes _____.

b) Não agendes para amanhã o que podes deferir hoje. O que conta é o intuito e o intuito da NATO é bom.

Não _____ para amanhã o que podes _____ hoje.

c) Bem, mas... De bons intuitos e de bons projetos está o inferno cheio.

De boas _____ está o inferno cheio.

d) Sim, mas Deus não relaxa. Por vezes, legisla por linhas tortas, mas ele está atento.

Deus _____ direito por linhas tortas.

e) À criança e ao toxicodependente põe Deus a mão na frente...

À criança e ao _____ põe Deus a mão por _____.

f) Mas, atenção: dar às instituições políticas o que é das instituições políticas e dar a Deus o que é de Deus...

Dar a _____ o que é de _____ e dar a Deus o que é de Deus.

g) Esta guerra eletrónica em que quem vai à guerra só dá e não leva vem provar que o mundo já não é o que era...

Quem vai à guerra _____ e _____.

No decurso desta atividade, as estudantes constataram a não existência de significados fixos dicionarizados relativos aos provérbios, a partir da consulta de uma lista bibliográfica de dez dicionários. Todos os dicionários consultados continham uma compilação de provérbios portugueses, sem, no entanto, atestarem o sentido que lhes é habitualmente atribuído.

Esta conclusão da pesquisa bibliográfica fez emergir um novo problema:

Como poderão os estudantes de Português língua segunda/estrangeira ficar a conhecer o significado que habitualmente têm os provérbios? Como se poderia dar a conhecer o significado de provérbios desconhecidos?

Esta constatação das estudantes conduziu a um aprofundamento da questão relacionada com os valores semântico-pragmáticos inerentes a estes enunciados linguísticos. Para tal, seguiu-se a pesquisa de Ana Cristina Macário Lopes, segundo a qual a interpretação do texto proverbial assenta numa “interpretação-padrão” e não num significado literal específico, nos termos a seguir descritos:

O significado é construído a partir da competência linguística dos falantes e nunca derroga o princípio da composicionalidade; a interpretação envolve a activação de estratégias pragmáticas de cálculo, nas quais se incluem mecanismos inferenciais susceptíveis de processar níveis indirectos de significação. O que distingue os provérbios dos enunciados correntes da interação quotidiana é o facto de suscitarem uma interpretação padronizada e consensual que, liberta de restrições situacionais, se mantém ao longo do tempo, não esgotando o seu potencial informativo num só acto de comunicação. (Lopes, 1995, p. 89)

Assim sendo, definiu-se o projeto a desenvolver: realizar um filme curto com a representação de situações ilustrativas da interpretação-padrão de determinados provérbios. A ideia seria a de associar a determinados provérbios portugueses as “interpretações-padrão” através de paráfrases que incluíssem as situações genéricas de uso típico. A exploração dos materiais video disponibilizados pelo *African Proverbs Project*⁶, desenvolvido no âmbito do *Language Program*, no *African Studies Center*, na Boston University, permitiu objetivar a ideia inicialmente discutida em aula.

Desse trabalho faria parte um conjunto vasto de atividades relacionadas com o desenvolvimento da competência comunicativa e com o aprofundamento de questões de língua, tais como: a pesquisa de provérbios portugueses, a criação de um inquérito com informantes portugueses, a escrita de guiões de diálogos situacionais relacionados com provérbios, a gravação de cenas dialogais, a edição de curtas metragens.

A opção pela construção de situações de interação verbal quotidiana como contexto de uso dos provérbios a estudar encontra fundamento na assunção de que:

(...) o provérbio existe não para integrar colectâneas ou dicionários mas para ser utilizado em situações concretas de comunicação, integrado em estratégias discursivas de índole essencialmente argumentativa. (Lopes, 1995, p. 91).

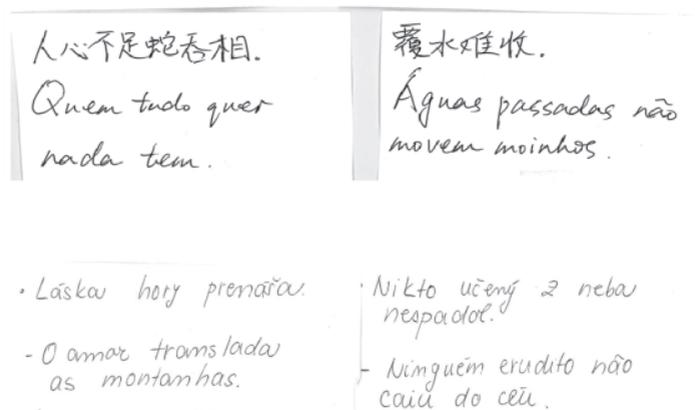
O diálogo enquanto tipo de texto oral, presencial e dinâmico em termos interacionais respondia aos objetivos relacionados com a competência comunicativa oral e com a promoção de situações de interação verbal para as estudantes em causa.

3.1.3 – Planificação: fases e atividades dentro de cada fase

A primeira fase do projeto propriamente dito partiu do conhecimento pessoal das estudantes sobre as respetivas línguas maternas e sobre provérbios dessas línguas. Baseou-se numa atividade de recolha que teve por base a discussão sobre a existência ou não de provérbios semelhantes

⁶ <http://www.bu.edu/africa/alp/index1/african-proverbs-project/> [último acesso em 20/01/2017]

aos que estavam referidos no exercício já descrito. Cada estudante recolheu 20 provérbios da sua língua e cultura, tendo-os registado em folhas de cartolina, especificamente criadas para o efeito, na língua original (a língua materna da estudante) e traduzido para português. As estudantes apresentaram oralmente a sua recolha às colegas, em aula, traduzindo, através de paráfrase, a interpretação-padrão de cada provérbio recolhido e descrevendo uma situação em que o poderiam aplicar, a partir de cartões manuscritos, como se vê nas imagens seguintes.



Após a exposição oral realizada pelas estudantes, procedeu-se à comparação das recolhas realizadas, com vista à produção de três listagens:

- uma com os provérbios semelhantes no conteúdo e na forma às várias línguas representadas na recolha;
- uma com os provérbios semelhantes no conteúdo e diferentes na forma;
- uma com os provérbios de outras línguas que não têm correspondente em português, nem no conteúdo nem na forma.

A segunda fase consistiu em escolher das listas de provérbios constituídas aqueles que se fixariam como objeto do trabalho a realizar. Esse processo implicou uma negociação guiada pelas seguintes orientações:

Organização e planificação

- O primeiro passo é a **formação de grupos** de trabalho. Organize com as suas colegas um grupo que terá de ter três elementos.
- O segundo passo consiste na **seleção dos provérbios** que serão trabalhados por cada grupo. Reúna com as suas colegas de grupo e discuta as várias possibilidades.

No final do trabalho, cada grupo deverá ter escolhido três provérbios apresentando os critérios que estiveram na base dessa escolha.

III. O terceiro passo é o da **atribuição de papéis** a cada elemento do grupo. Observe as responsabilidades associadas a cada um dos papéis. Discutam em grupo quem ficará com cada um dos papéis referidos de seguida.

- i. O “questionador” – elemento do grupo que coloca questões relacionadas com as razões da escolha de cada provérbio, imaginando problemas relacionados com cada uma das hipóteses colocadas.
- ii. O “defensor” – elemento do grupo que encontra razões válidas para defender cada uma das hipóteses colocadas como provérbio a selecionar.
- iii. O “moderador” – elemento do grupo que coloca várias hipóteses de provérbio em discussão, modera a negociação e regista na ficha de trabalho as informações relevantes para a seleção dos provérbios pelo grupo.

IV. O quarto passo consiste na **definição das tarefas** que cada elemento vai executar para cumprir as suas atribuições e no estabelecimento de prazos para a sua realização. Uma das decisões deverá recair sobre quem será o porta-voz do grupo para apresentar à turma a seleção realizada e os critérios subjacentes à decisão.

A terceira fase, realizada em grupo, iniciou-se com a seleção dos provérbios com os quais o grupo trabalharia. Os provérbios selecionados pelos quatro grupos foram:

Grupo 1	A mentira tem a perna curta. Nem tudo o que reluz é ouro.
Grupo 2	Deus dá nozes a quem não tem dentes. Dois olhos veem mais do que um. Tempo é dinheiro.
Grupo 3	Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar. Não há rosa sem espinhos. Quem brinca com o fogo queima-se.
Grupo 4	Mais vale tarde do que nunca. Quanto mais depressa, mais devagar. Quem sai aos seus não degenera.

A escolha do grupo 4, por exemplo, recaiu sobre uma pesquisa comparativa entre quatro línguas (portuguesa, chinesa, russa e alemã), tendo sido selecionados três provérbios portugueses que apresentavam semelhança de significado com provérbios das outras línguas, embora com forma linguística diversa. A comparação estabelecida incluiu os seguintes dados:

Português	Quem sai aos seus não degenera.
Alemão	A maçã não cai longe do tronco.
Russo	A maçã não cai longe da árvore.
Chinês	Filho de tigre não sai cão.
Português	Mais vale tarde do que nunca.
Alemão	Melhor tarde do que nunca.
Russo	Melhor mais tarde do que nunca.
Chinês	Não é tarde para reparar a cerca depois de perder os carneiros.
Português	Quanto mais depressa mais devagar.
Alemão	A força está na calma.
Russo	Devagar se vai ao longe.
Chinês	É impossível comer depressa tofu quente.

De seguida, as estudantes iniciaram o estudo de cada um dos provérbios, o que implicava a compreensão do provérbio a partir do significado literal do enunciado, seguido da interpretação dos valores pragmáticos e culturais associados, bem como a redação de um resumo de duas situações dialogais que pudessem ilustrar contextos de uso. Um dos exemplos do resultado desta atividade é apresentado de seguida.

Provérbio 1	"Deus dá nozes a quem não tem dentes" <i>Variantes:</i> Dá Deus amêndoas a quem não tem dentes Deus dá couves a quem não tem toucinho
Significado	O provérbio parece endereçar-se aos velhos que casam com mulheres jovens, o que é de certo modo conotado pela definição de <i>Forçete</i> : " <i>essa</i> <i>use</i> <i>chose</i> à <i>use</i> <i>personne</i> , <i>dont</i> <i>elle</i> <i>n'est</i> <i>pas</i> <i>en</i> <i>état</i> de se servir, <i>comme</i> <i>une</i> <i>jeune</i> <i>fille</i> à <i>un</i> <i>vieillard</i> " (grifo nosso); a origem do provérbio em francês deve ser latina, à semelhança do que ocorre em português, diz João Rubero (FE, p.207) romanot. Por esses remotos tempos, e quando se recolhiam os nubentes da cerimónia do casamento, lançava o marido aos rapazes grande quantidade de nozes. Era quase um modo de despedir-se da meninice. O símbolo não trana o amargor de hoje – nozes aos que não podem sindá ou não poderão mexer! Relembro o Virgílio quando diz: "Tibi <i>ducere</i> <i>unus</i> , <i>Quarzo</i> , <i>marito</i> , <i>unus</i> , <i>Urosia</i> VIII" Vale recordar que, em Roma, quando um jovem se despedia da infância, dizia-se <i>unus</i> <i>relinqueret</i> (deixar de brincar com as nozes, abandonar o jogo das nozes) (Pérez, <i>Sotomayor</i> , 3, 10). Há provérbios paralelos em italiano: <i>Da</i> <i>manda</i> <i>i</i> <i>biscotti</i> <i>a</i> <i>quelli</i> <i>che</i> <i>non</i> <i>hanno</i> <i>denti</i> e em espanhol: <i>Da</i> <i>da</i> <i>almondas</i> <i>a</i> <i>al</i> <i>que</i> <i>no</i> <i>tiene</i> <i>muelas</i> .
Situação 1	Dois amigas estão a conversar. Uma delas pergunta-se que o pai lhe deu um carro, mas não aquele que ela queria. A outra responde que Deus dá nozes a quem não tem dentes, provérbio interpretado literalmente pela amiga, uma vez que não tem dentes, que diz que não foi Deus que lhe deu nozes, mas o pai que lhe deu um carro.
Situação 2	Uma rapariga está a falar com Deus, a queixar-se da sua vida, e a certa altura menciona as nozes na cabeça. Ela fica confusa, sem entender o que se passa.

O trabalho escrito realizado foi submetido a hetero-correção: a folha de trabalho de cada grupo foi distribuída a um grupo diferente. Cada grupo teria de ler, avaliar e comentar o trabalho das colegas, redigindo uma apreciação crítica, quanto ao conteúdo (adequado ou não ao provérbio correspondente) e à forma (quer do ponto de vista da organização do texto, quer quanto à correção gramatical). O comentário avaliativo escrito no verso da folha de trabalho teria de ser acompanhado da indicação do que deveria ser revisto e aperfeiçoado e teria de incluir ainda a indicação da situação mais adequada das duas apresentadas. Após a devolução do trabalho já comentado ao grupo autor desse trabalho, houve um espaço de diálogo entre os dois grupos: avaliadores e avaliados puderam conversar sobre o comentário crítico redigido e sobre as melhorias a introduzir no texto.

A quarta fase foi constituída pela elaboração de um guião para um filme curto. Para que a tarefa fosse produtiva, procedeu-se a uma atividade de leitura e de aquisição de noções básicas relacionadas com a escrita de guiões. A pesquisa realizada consistiu na leitura de textos especializados de guionistas de cinema e na familiarização com procedimentos para a escrita de guiões. Esta atividade tinha como objetivos: (i) levar as estudantes a desenvolver a competência de escrita de diálogos construídos com base em formas de organização e marcas conversacionais; (ii) construir um texto dialogal coerente e verosímil que pudesse ilustrar o significado de um dado provérbio. A exploração de materiais referentes ao texto “A anatomia de um guião”, de João Nunes (2012), possibilitou a aquisição de ferramentas básicas para a produção de texto esperada.

A quinta fase foi dedicada à produção escrita dos guiões pelos diversos grupos. Cada grupo produziu três guiões, construídos em torno de três provérbios, exceto um dos grupos, que construiu dois. No conjunto, foram redigidos onze guiões, que implicavam a criação de cenas de diálogo situacional adequado à ilustração de um provérbio português. O trabalho foi executado no programa informático de escrita de guiões, o Celtx, como se vê na figura seguinte.

Visualização de uma página de escrita no Celtx



Após a produção escrita, os guiões foram submetidos a avaliação de acordo com os seguintes procedimentos:

- cada estudante leu, anotou e comentou o guião de uma colega, dando-lhe *feedback* sobre a sua apreciação;
- a professora leu e anotou todas as correções gramaticais a realizar;
- cada grupo fez uma leitura dramatizada de cada um dos guiões cronometrando o tempo do diálogo (que deveria ser igual ou superior a 2 minutos).

Após a obtenção de todas as anotações, cada grupo procedeu à revisão e aperfeiçoamento do texto.

Para finalizar o trabalho, foi realizada a filmagem dos diálogos representados pelas estudantes, o que implicou, entre outras tarefas, produção de filme, dramatização, filmagem e edição de vídeo.



Imagens da abertura de um dos vídeos realizados pelas estudantes

O trabalho ficou concluído com a sistematização das aprendizagens realizadas pelas estudantes ao longo do semestre.

3.2 – Avaliação do projeto

A avaliação das aprendizagens foi realizada mediante a aplicação de duas técnicas de recolha de dados: a observação direta do desempenho das estudantes e o teste. A primeira técnica permitiu colher informação acerca da realização das atividades em cada uma das etapas do projeto, a segunda possibilitou averiguar os conhecimentos de cada estudante relativamente à compreensão e à produção de texto.

A observação direta do desempenho das estudantes ao longo das etapas foi realizada tendo por referência uma rubrica construída para a avaliação de diferentes dimensões do trabalho.

O teste era composto por quatro questões. A primeira questão consistia na compreensão do anúncio publicitário ao Novo Fiat Punto 60 Stile, com

Quem tudo quer,

tudo tem.

Novo
FIAT PUNTO 60
Stile

Tem tudo. Não o troque por nada

relevo para o *slogan* “Quem tudo quer tudo tem”, construído com base no provérbio “Quem tudo quer tudo perde”. O objetivo consistia em averiguar se as estudantes, primeiro, reconheciam o provérbio que está presente, de modo modificado, no *slogan* do anúncio, depois, se percebiam o que significa e, finalmente, se conseguiam explicar o modo como se adequa ao contexto. A segunda questão pressupunha que as estudantes escolhessem um provérbio português, que tivessem ficado a conhecer no decurso do trabalho, e relatassem uma situação, inserindo um diálogo entre personagens, que pudesse ilustrar o seu significado. A terceira questão consistia em descrever as diferentes etapas do processo de escrita, desde a planificação até à edição final, exemplificando com momentos da realização do projeto ao longo do semestre. A quarta questão implicava a sistematização da informação de um texto dado usando um esquema numérico (um dos possíveis na tomada de notas).

Assim, segundo Macário Lopes (1992), “os provérbios têm sido definidos tradicionalmente como sentenças lapidares e concisas que o uso popularizou e consagrou. Ao contrário dos aforismos, apotegmas e máximas, textos breves que correspondem a ditos memoráveis de personagens ilustres, e que por isso mesmo possuem um autor reconhecido, os provérbios

circulam sempre como textos anónimos, veiculados oralmente.” Há que referir também a variedade de termos existente referente à categoria proverbial, entre os quais se destacam “adágio”, “ditado”, “rifão” e “anexim”(Macário Lopes 1992: 9). A autora, citando Xavier da Cunha na obra “Filosofia popular em provérbios”, apresenta-nos as possíveis definições dos termos acima enunciados. O termo “Adágio” será empregue quando de um provérbio mais antiquado se tratar; “ditado” quando, em linguagem corrente se refere um adágio ou rifão, este último designa o provérbio que circula oralmente e, por fim, o termo “anexim” é tomado como um “axioma vulgar, ordinariamente em verso e com aliteração, em que se contém uma regra prática de moral com um sentido satírico alusivo e em forma metafórica.” (ver Macário Lopes 1992:9). Como vemos, a terminologia é variada e possuidora de limites esbatidos, pelo que, assumiremos como mais importantes as características da incógnita linguística do que a terminologia com que é nomeada. Faremos uso, tal como a autora da dissertação enunciada, do termo “provérbio” por uma questão de simplificação e uniformidade. (Faria 2010: 86).

4 – CONCLUSÃO

Vale a pena trabalhar o provérbio na aula de LE, a nosso ver, porque para a sua interpretação e uso são recrutadas várias competências, as linguísticas, sobretudo na sua vertente mais pragmática mas não só, as culturais e as multiculturais. Além disso, ao ser capaz de compreender o seu uso nos discursos, o aprendiz de PLE irá sentir uma “sensação comunitária de pertença social” (Teixeira, 2016, p. 238), aproximando-se afetivamente da língua que aprende, por se sentir cada vez mais integrado na comunidade dos falantes de português.

Referências bibliográficas

Dicionários de provérbios

- Brazão, J. R. (coord.) (1998). *Os provérbios estão vivos no Algarve*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Carvalho, S. (2010). *Nas bocas do mundo*. Lisboa: Editorial Planeta.
- Costa, J. R. M. (1999). *O livro dos provérbios portugueses*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estanqueiro, A. (1996). *A sabedoria dos provérbios*. Lisboa: Editorial Presença.
- García Benito, A. B. (2014). Negócio da China, homem das Arábias, trabalhar como um galego...: estereótipos nacionais en la lengua portuguesa (pp. 69-78). *Paremia*, 23.
- Gomes, M. J. (coord.) (1974). *Nova recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses*. Lisboa: Afrodite.
- Lacerda, R. C. (2004). *Dicionário de Provérbios Inglês-português / Português-inglês*, Editora Campus.

Lacerda, R. C.; Lacerda, H. R. C., & Abreu, H. S. (2000). *Dicionário de Provérbios - francês, português, inglês*. Lisboa: Contexto Editora.

Machado, J. P. (2011). *O Grande Livro dos Provérbios*. Editora Almanaque.

Mattoso, J. (1987). *O essencial sobre os provérbios medievais*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda.

Moreira, A. (1997). *Provérbios portugueses*. Lisboa: Editorial Notícias.

Referências teóricas

Faria, M. (2010). Provérbios. *eLingUp*, Vol. 2, 1, 85-123. Acedido de <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/article/view/2516>

Figueiredo, E., & Figueiredo, O. (2010). Unidades fraseológicas no ensino de PLE. *Perspectiva intercultural*. *Limite*, 4, 155-166.

Jirón Erwenne, C. (2008). La enseñanza de unidades fraseológicas en diálogos situacionales. *Aula Diez*. Acedido de www.auladiez.com [consultado a 13/06/2016].

Lopes, A. C. M. (1992). Provérbios: o eterno retorno. *Literatura Popular Portuguesa, Teoria da Literatura Oral/Tradicional/Popular*. Lisboa: Acarte – Fundação Calouste Gulbenkian.

Lopes, A. C. M. (1992). *Texto Proverbial Português. Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Coimbra.

Lopes, A. C. M. (1995). Da ambivalência do texto proverbial. In *Discursos* 10, 77-94.

Marino Yellin, S. (2002). Recognizing the Value of Teaching Proverbs: Multicultural Origins of Oral and Written Literacy. In Sarah M. Nielsen & Tonette S. Rocco (orgs.), *Proceedings of Appreciating Scholarship: the first annual college of Education Research Education (99-103)*. Florida: Florida International University.

Martins, S. (2016). *O registo coloquial nas aulas de espanhol*. (Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

Monroe, S. S. (1996). Multicultural Children's Literature: Canon of the Future. In *Language Arts Journal of Michigan*: Vol. 12: Iss. 1, Article 9, 43-48. Acedido de <http://dx.doi.org/10.9707/2168-149X.1505>

Navarro Carrascosa, C. (2012). Actividades prácticas para la enseñanza de la fraseología en la clase de E/LE. *Profesores de Español en los Balcanes*, 1, pp. 29-43.

Penadés Martínez, I. (1999). La enseñanza de las unidades fraseológicas. Madrid: Arco Libros.

Puren, C. (2011). Projet pédagogique et ingénierie de l'unité didactique. *Les enseignants de langues, ingénieurs de projets*, Vol. XXX, N° 1.

Ruiz Gurrillo, L. (2010). Interrelaciones entre gramaticalización y fraseología en Español. *Revista de Filología Española*, XL, 1º, 173-194.

Ruiz Gurrillo, L. (1997). Relevancia y fraseología: la desautomatización en la conversación coloquial. *Español Actual*, 68, pp. 21-30.

Teixeira, J. (2016). Provérbios na publicidade: a sedução pelos implícitos. In J. M. Sanchez Rei e Aldina Marques (orgs), *As Ciências da Linguagem no espaço galego-português. Diversidade e convergência* (pp. 209-241). Braga: Universidade do Minho.